

# UMA NAÇÃO QUE JÁ EXISTE

Conforme foi oportunamente noticiado, Paris foi o local de encontro de estudiosos e escritores dos cinco países africanos de Língua Oficial Portuguesa para discutirem a sua Literatura. O Colóquio aconteceu em finais de 1984 e para ele Fátima Mendonça, professora de Literatura na Universidade Eduardo Mondlane, apresentou a comunicação «O Conceito de Nação em José Craveirinha, Rui Knopfli e Sérgio Vieira», que passaremos a transcrever em três partes na nossa secção «Ideiotopias».

«Mas de facto prender um poeta na sua pátria ninguém prende. Ninguém prende um cidadão fabricante de vaticínios infalíveis».

José Craveirinha

Ao trazer a esta Assembleia um pouco da nossa reflexão sobre o tema que nos foi proposto, impõe-se-nos, anterior a qualquer acção reflexiva, a voz do poeta que, ao longo de 30 anos, se fez ouvir sem ambiguidade nem temor, numa afirmação de moçambicanidade que despertou e agitou a consciência de muitos moçambicanos ainda hesitantes em o serem.

«Poeta fabricante de vaticínios infalíveis.»

«Poeta fabricante de problemas e vaticínios mais tarde ou mais cedo/sempr certos», José Craveirinha vai irromper na nossa literatura escrita com um elemento básico de afirmação nacional, que a recriação poética transforma em apoteose verbal, reinvenção vocabular, em — quase diríamos — orgia da língua e da palavra. Elemento que, apesar de transposto para o Universo mágico e encantatório de metáfora e do símbolo, transporta consigo, bem profundamente, a marca da sua própria origem: o mundo dos homens, dessacralizado e real, o mundo dos homens moçambicanos: o mineiro e o estivador, dos que, à força de palmatória, de Norte a Sul, «do Rovuma ao Incomati» produziam a riqueza das grandes plantações: chá na Zambézia, sisal em Nampula, tabaco em Chimoio, algodão um pouco por toda a terra dominada.

Diremos com Craveirinha «o poeta de vivências do povo, não está de joelhos, olhos fechados e cabeça baixa, enquanto os problemas

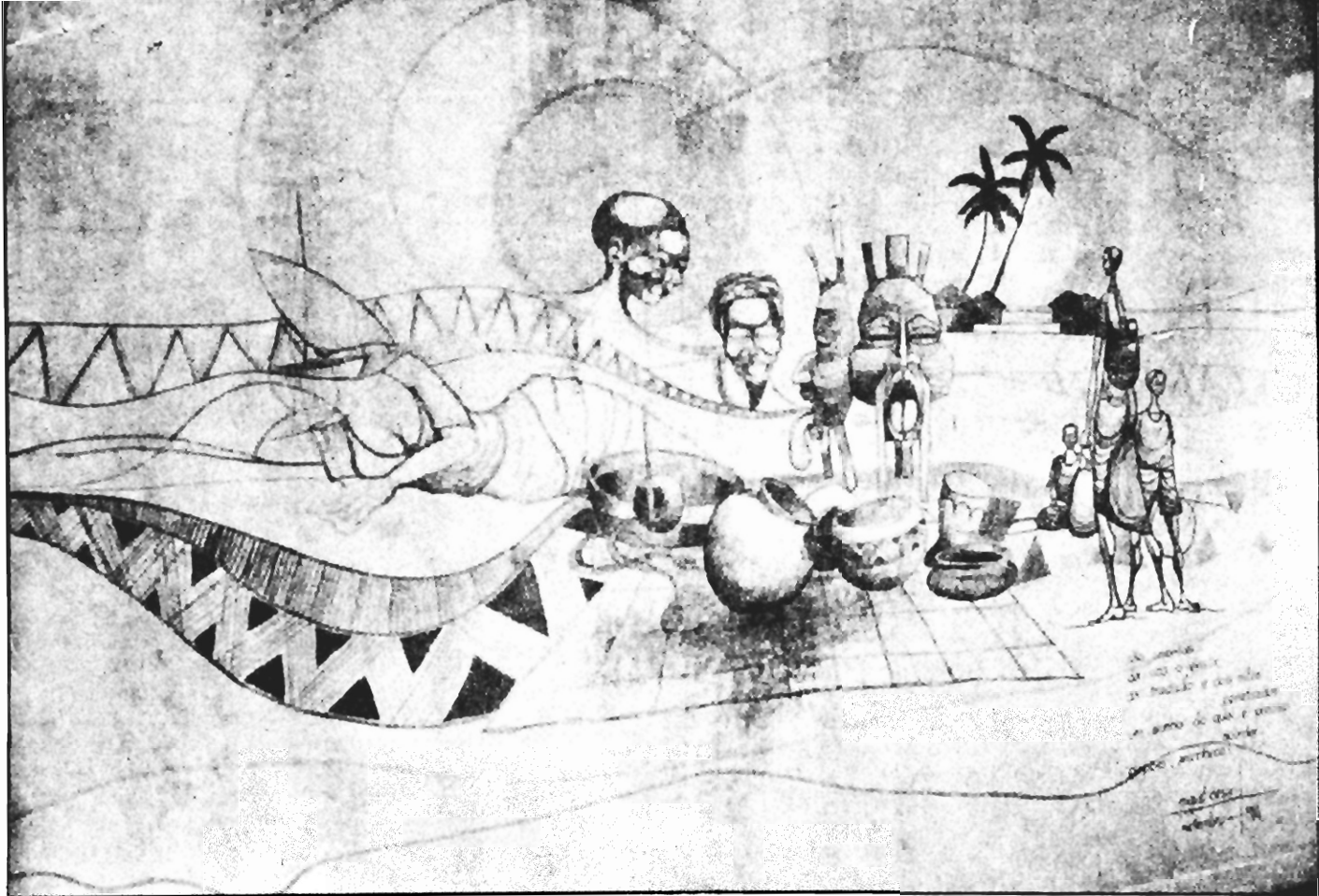
acontecem. Ele faz uma escolha, compromete-se ideologicamente, assume uma posição humanamente, não metafisicamente. Ele está comprometido com o temporal e o circunstancial, precisamente o mundo que o rodeia. Uma preferência pelo sentido estético da palavra tornada arma, utensílio, libelo. E não a palavra feita simples adorno, simples exercício de ócio burguês em paisagem bucólica.»

O elemento de afirmação nacional que emerge, desde o início, da poesia de José Craveirinha, é pois gerado e produzido por um real definido e marcando porventura apreendido pelo poeta numa fase em que a sua configuração não é perceptível a muitos: o poeta limitou-se a antecipar-se no tempo, captando e prevendo, assumindo-se finalmente com o «fabricante de vaticínios infalíveis».

Estabelece-se, ao longo da gestação e produção do Universo poético uma relação interna entre a realidade apreendida e mediatizada pela transposição para esse Universo, e a força profética que essa transposição assume.

É esta relação, aplicada aos três poetas em estudo, que tentaremos mostrar na nossa intervenção de modo a que se possam eventualmente colocar algumas questões que se prendem com o problema da identidade individual e nacional questões que surgem com maior intensidade em países recentemente saídos de uma luta de libertação nacional, como o nosso, e que têm o seu reflexo na produção artística, com maior incidência na literatura escrita.

Nesta análise percorreremos a obra de José Craveirinha produzida a partir de 1950 — o primeiro escritor a apresentar o espaço geográfico moçambicano em termos de nação —, de Rui Knopfli — que marca uma nítida relação de oposição com Craveirinha que traduzimos em ter-



mos de precisão nas *Ambiguidades* — e de Sérgio Vieira — que surge já a reflectir todo o processo de evolução ideológica da FRELIMO iniciada com o II Congresso e que conduzirá ao III Congresso em 1977.

Data de 1950 o poema «Chamamento» incluído em «Xigubo» de José Craveirinha editado em 1964 pela CEI: «chamei-te/e como bêbado de futuro/em plena rua da cidade ocupada/a minha voz rasgou o duro segredo dos muros de concreto/rebentou o ar sofisticado das urbes/invadiu as plantações de chá/correu em rajada os campos de sisal/encheu de lés-a-lés as terras do tabaco/e com a minha transpiração de sangue/tingiu de côr nova os algodais sem fim.

Com ele surge pela primeira vez na poesia moçambicana escrita a afirmação nacionalista de comunidade de território: Sob a forma de metonímia e através de enumeração sucessiva de quatro das grandes culturas obrigatórias chá, sisal, tabaco e algodão provoca-se a imagem de um Moçambique delimitado por três regiões suficientemente distanciadas entre si às quais se associa cada um dos termos enumerados: Sisal do Norte, chá ao Centro, Tabaco a Oeste e algodão como que a estabelecer a união um pouco por todo o território. É pois José Craveirinha quem pela primeira vez projecta na área poética a imagem de uma comunidade de território a opor-se à desintegração especial que a política colonial preconizava através de

slogans como «Portugal várias raças uma só nação».

Faltavam 12 anos para que reunisse o I Congresso da FRELIMO em Dar-Es-Salaam. De 23 a 28 de Setembro de 1962 pela primeira vez na história do Povo moçambicano se juntaram homens de todas as partes do país assumindo-se como cidadãos de uma pátria como território comum dispostos, a expulsar o invasor. Nos vários documentos emanados do Congresso surge insistentemente a mesma ideia de comunidade de território que o poema de José Craveirinha já anuncia.

Ela está presente na Declaração Geral, na mensagem ao Povo português e no programa da Frente. Captando em 1950 as ressonâncias da explosão nacionalista que abalava África, a poesia de José Craveirinha vai, desde então, produzir um universo povoado de imagens geradas por essa realidade que conduziu ao I Congresso: A dominação colonial que com as suas formas de opressão e o seu aparelho administrativo de repressão engendrara ela própria a unidade dos que, sentindo-se solidários na dura luta que travaram se sentiam e descobriam iguais. Conciliando as aparentes diferenças conseguiram definir e apresentar todas as reivindicações num programa que tocava todos os moçambicanos. A forma superior deste processo de organização foi concluída com a criação da Frente de Libertação de Moçambique.

Craveirinha — poeta irá funcionar na maio.

ria dos poemas que compõem Xigubo e em muitos de Karingana wa Karingana, — num período que grosso modo podemos delimitar entre 1945 e 1965 — como porta-voz dessa camada nacionalista fazendo-se eco poético de uma realidade que se afirma. De forma infalível as previsões acumulam-se. «Vim de qualquer parte/de uma nação que ainda não existe/ vim e estou aqui (...) (/tenho no coração/gritos que não são meus sómente/porque venho de um país que ainda não existe. Aqui utilizando recursos estilísticos que tornam mais evidente a relação real/transposição poética do real, o poeta afirma claramente um espaço de comunidade concreto — A nação — cuja existência presente se nega e se supera, pela afirmação implícita da sua existência, reconhecida e assumida interiormente pelo sujeito da escrita, que a projecta no Futuro.

A comunidade de território aparece em Craveirinha como o elemento fundamental de identificação nacional a que nos referimos no início: Machava, Ilha de Moçambique, Gaza e Zambézia, Manhiça e Mossuril, Guijá e Mocímboa do Rovuma Norte e Centro e Sul reaparecem frequentemente a delimitar poeticamente a unidade entre povos que o colonialismo procurava dividir e a fazer surgir como um todo coeso a imagem de um país de homens escravos. «Arroz de Gaza apodreceu nos armazéns/ /na Zambézia a seca rebentou barrigas negras/ /Na Manhiça milho sobrou nos celeiros/e nem um milho para cem bocas no Mossuril./No Guijá deu muita mexoeira/mas sem um grão de mexoeira/nem ao menos um grão em Mocímboa do Rovuma/Aj a passividade animal!»

E no poema que inicia a colectânea Xigubo, «manifesto», Craveirinha dá corpo novamente e de forma quase infalível à palavra de ordem que hoje simboliza a unidade e coesão da nação moçambicana. Unidos do Rovuma ao Maputo dizemos hoje. «E nas fronteiras de água do Rovuma ao Incomati» disse o poeta da identidade nacional. Forjador da profecia certa porque como ele próprio disse, há poucos meses, publicamente, «felizmente abunda em mim sinceridade e daí a minha autocritica pela incapacidade de reinventar uma maneira literária mas tão somente o orgulho de ter tentado reter, plagiar o, pulsar da vida à minha volta, ao meu lado, acima atrás e à frente de nós todos aqui, aqui em Moçambique, aqui na minha terra de nascença, aqui exactamente aqui na minha maravilhosa pátria, aqui precisamente aqui neste rico território, que primeiro foi de cafres, depois de indígenas, por fim economicamente débeis e agora é o País a nação o Moçambique dos para sempre cidadãos Moçambicanos».

Mas se o percurso poético de José Craveirinha é preciso e bem definido se a afirmação nacionalista nele se faz e constroi sem a opacidade do ambíguo se Craveirinha exaíta e afirma o ser moçambicano «oh, as belas temas do meu áfrico país»,/e as belas aves do céu do meu país»,/e mais tarde! não sou lusoultramantino/ /sou moçambicano, outras vozes há de início em aparente sintomia com a sua, mas que evoluam num sentido que acaba por colocá-las nos antípodas do nacionalismo, e da identidade com um território e uma cultura.

(Continua)